

EXPERIÊNCIAS LEITORAS: ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS DE LEITURA DOS LIVROS *A MULHER DE ALEDUMA* (1981), *OS ESTANDARTES* (1995) E *NEGÃO DONY* (1978) DE ALINE FRANÇA

Daniela dos Santos Damasceno¹

Resumo: A literatura, no caso em sua especificidade de autoria negra, pode propiciar a (re) apropriação de um território cultural, sendo possível reverter valores, criar personagens dando-lhe características, espaço/tempo a partir de uma ótica particular. Assim, o texto literário, enquanto construção de sentido pode nos possibilitar repensar representações sociais, redimensionar nosso olhar sobre o espaço social e questionar imagens, na medida em que atualizam signos-lembranças que inserem o corpo negro numa cultura específica, desmitificando, por exemplo, estereótipos e mitos sobre o negro e seu espaço, reproduzidos por sua vez nas diversas mídias e também na literatura. Uma dessas vozes é a voz de Aline França, escritora negra baiana. Os seus textos ficcionais residem em um protagonismo feminino (frequente), negro e baiano. Nessa pesquisa, nos interessa pensar a repercussão da literatura de Aline França por meio da análise das experiências leitoras dos leitores de Aline França nas décadas de 70/80/90. Buscamos respostas para as seguintes questões: Como os negros são apresentados e representados no romance? De que forma os seus escritos podem avultar reflexões acerca das tradições e culturas negras? Por conseguinte, como a análise das suas obras enquanto textos literários podem ressignificar e contribuir com a formação identitária e afirmação étnico/racial? Para isso, recorremos aos depoimentos, comentários em jornais, entrevistas, trabalhos acadêmicos, além do blog oficial pessoal da escritora.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientador: Prof. Dra. Ana Rita Santiago. Endereço eletrônico: danisrad2010@gmail.com.

Palavras-chave: Aline França. Experiência de leitura. Identidade.

A escritora Aline França nasceu em Teodoro Sampaio, no recôncavo baiano, no ano de 1948. Seu pai, Bento Ramos França, era ferreiro e um grande contador de histórias. Apesar de trabalhar com seus pais na agricultura quando criança, Aline França encontra na escrita uma forma de expor sua incrível imaginação e por meio dela denunciar problemas básicos que martirizam a população negra brasileira, tais como a discriminação, o preconceito e suas inúmeras conseqüências, falta de moradia, o não acesso aos sistemas de educação ou de saúde, por exemplo.

Na década de 70, ingressou como telefonista no Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia e, no ano de 1982, após ser eleita suplente de um vereador, em Salvador-Ba, integrou comissões julgadoras em vários concursos como *Miss Afro-Bahia* (1982) e *Festival de Música Popular* (1985). Ademais, Aline França dirigiu espetáculos populares, como *Coisas da Terra*, em 1983, e *Bahia Africanismo*, em 1984.

A escritora participou da antologia *Poetas Baianos da Negritude*, edição do CEAO- Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, organizada pela socióloga Nivalda Costa e o jornalista Hamilton de Jesus, com o texto *Mensagens dos Nossos Ancestrais* no ano de 1982. Além de realizar palestras no âmbito nacional, no ano de 1990, Aline França proferiu outras palestras na Bélgica e participou de seminários organizados por associações feministas europeias e latino-americanas. A escritora foi entrevistada por jornalistas do Brasil, Estados Unidos, Nigéria, Alemanha, Itália e Holanda.

Dentre suas obras literárias estão a novela *Negão Dony*, lançada em 1978, o livro *A mulher de Aleduma* (1981) e *Os Estandartes* (1995). A novela *Negão Dony* (1978) narra a história de Negrinho, posteriormente batizado como Negão Dony, que conhece profundamente o candomblé.

Na Folha da tarde, de São Paulo, a manchete do caderno de cultura destacou “Um livro da Bahia e seu mistério”.

Em 1981, Aline França lançou o seu segundo livro *A mulher de Aleduma* no Encontro de Entidades *Negras* que integrou a programação da SBPC – *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*. A primeira edição do livro foi financiada pelo *Projeto Cultural Cantina da Lua*. O relançamento do mesmo livro foi na sede do *Ilê Aiyê*, um dos mais importantes redutos da cultura negra em Salvador, e depois no Teatro Castro Alves.

No mesmo ano de lançamento do livro *A mulher de Aleduma*, a revista nigeriana *Ophelia* fez uma entrevista com Aline França. Publicada em língua inglesa no ano seguinte, a revista, de circulação internacional colocou Aline França entre os precursores da literatura contemporânea, no gênero “ficção em estilo surrealista”. No comentário acerca do livro *A mulher de Aleduma* (1981), a revista ressaltou que a autora, “quando desenha um paralelo entre a Bahia e a ilha de Aleduma, toca em todos os aspectos da vida da comunidade negra baiana, pondo em jogo as forças sociais e as lutas do negro contra elas”.

A revista alemã *IKA, Zeitschrift für Kulturaustausch*, ou “*IKA*, revista de intercâmbio cultural” n° 25, de maio de 1984, traz, com tradução de Johannes Augel, a resenha *Aline França, eine afro-brasilianische Schriftstellerin*, ou “Aline França, uma escritora afro-brasileira”, de Ieda M. R. dos Santos, focando principalmente o romance *A mulher de Aleduma* (1981). A partir deste cenário de recepção e repercussão dos seus livros, especialmente do segundo livro publicado, Aline França abre novos rumos na literatura contemporânea de temática afro-brasileira e, especialmente obtém reconhecimento crítico no meio literário baiano.

O *Jornal da Bahia*, de 11 de julho de 1981, anuncia o lançamento do segundo livro de Aline França a partir da matéria jornalística “Um país de negros em *A mulher de Aleduma*”. A manchete demarca a presença,

apoio e/ou assessoria do professor de Genética do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, Antonio Souza Batista, e da diretora do Centro de Estudos Afro-Orientais CEAO, também da Universidade Federal da Bahia, Ieda Castro. A edição foi financiada por Clarindo Silva, na ocasião, proprietário do restaurante “Cantina da Lia”, situado no Terreiro de Jesus. De acordo com a escritora Aline França, o livro deveria ter custo acessível, justamente para facilitar o acesso da maioria da população (em especial, os negros e negras).

O romance evoca a reescrita da história contada e não contada à medida que nos apresenta uma nova gênese, a gênese negra. Os heróis de Aline França são possuidores de uma força incomum, de um poder sobrenatural que a autora conhece dos rituais da religião afro-brasileira do candomblé e que ela procura apresentar de diversas formas. No romance, tal poder é transmitido a todos os negros que aceitaram a mensagem do planeta Ignum, o planeta de origem do velho Aleduma, o guardião dos valores ancestrais.

O livro *A mulher de Aleduma* teve duas edições consecutivas, também foi adaptado para o teatro, o texto dramaturgicamente sendo apresentado em Salvador, e foi ainda tema do enredo de um grupo carnavalesco local (do afoxé Zambia-Pomba, em 1986), conhecendo um impressionante sucesso e popularidade no seio do povo negro da Bahia, não só entre os intelectuais do Movimento Negro e demais grupos envolvidos com a cultura negra, mas especialmente entre um público aparentemente avesso a leitura.

A preocupação principal que emana da obra de Aline França é a preservação da cultura e mesmo a revitalização dos valores culturais próprios ao mundo negro, oferecendo pela ficção aos leitores razões para orgulharem-se de suas origens, de sua herança cultural e de sua identidade. De acordo com Moema Parente Augel (2011), a consciência histórica em Aline França está inserida na sua dimensão “local”,

situacional e específica: a autora sabe-se pertencente à periferia, ao mundo subalterno, dicotomizado na vivência de ser negra e afrodescendente numa sociedade que se proclama branca e euro centrada.

Os estandartes (1995), terceiro livro lançado por Aline França, obteve repercussão nacional, ficou conhecido pela sua temática afro-ecológica, isto é, pela junção assertiva: negritude e preservação/culto a natureza. O jornal “Bahia Hoje”, do dia 07 de novembro 1995, anuncia a estreia da peça *Os estandartes* baseada no livro de Aline França. A peça dirigida por Carlos Pronzato teve duração de cinquenta minutos, e tratou da ecologia, relação entre homem e natureza, em um lugar atemporal, mais precisamente na África. De acordo com o diretor, a peça tentou mostrar a importância do universo e sua relação com a humanidade.

O livro *Os estandartes* (1995) narra a força cultural de um povo denominado fortiafri e os mistérios dos seus estandartes, ao tempo em que explicita outras formas de pensar a cultura e a ancestralidade negra e de compreender também a natureza. Uma narrativa na qual seres superiores, os enigmáticos fortiafri, alimentados pelo sol que lhe transmite sabedoria, coragem e equilíbrio, procuram passar aos habitantes da Terra uma urgente mensagem, relativa à preservação da natureza, sobretudo das águas do planeta e da vegetação. Sobressai no texto um grande poder de descrição do ambiente, de modo que a ação parece se desenrolar em algum ponto do continente africano, mais especificamente em Kanda, povoado distante das mazelas da civilização.

Embora sempre atuante em movimentos negros em favor de um maior respeito ao negro, as ações de Aline França se manifestam, sobretudo, no campo cultural. Contudo, não dispondo nem de meios materiais, nem de posição de destaque para realizar seus projetos culturais, por algum tempo a escritora conseguiu concretizar parte dos seus sonhos graças a sua personalidade e persistência. Cabe-nos

questionar, porém, como uma autora desconhecida alcançou tanta repercussão e como foi possível atingir esse público.

Por não dispor com facilidade de meios impressos, Aline França encontra nas redes sociais, a partir de 15 de abril de 2010, uma forma de divulgar e apresentar aos seus leitores, comentários/recortes de jornais e revistas que abordaram seus escritos a partir de década de 70.

Nesse espaço idealizado e administrado por Aline França, a escritora apresenta depoimentos de críticos, escritores e pesquisadores negros acerca dos seus livros. A seguir, apresentamos alguns desses comentários a fim de elucidar a importância da escritora para o movimento negro e para a consolidação da vertente afro na literatura brasileira, além de pensar o modo como foi recebida pela crítica e pesquisadores, a partir da experiência de leitura deles.

O texto publicado no blog oficial de Aline França, no dia 13 de maio de 2009, foi escrito pela etnolinguista, doutora (Phd) em línguas africanas pela Universidade Nacional de Zaire, República democrática do Congo, Yeda Pessoa de Castro. A professora atuou durante anos na Universidade Federal da Bahia, onde se aposentou. Dentre os seus feitos está a fundação do Museu Afro-brasileiro, na cidade de Salvador-Ba.

Yeda Pessoa de Castro tece comentários acerca da repercussão e da ascensão/fortalecimento de Aline França, do seu primeiro livro, *Negão Dony* (1978), ao segundo livro lançado, *A mulher de Aleduma* (1981). Eis um trecho do seu depoimento:

Um livro da Bahia e todo seu mistério, era a manchete da "Folha da Tarde", de São Paulo, do dia 5 de julho. Nele, escrevia Torrieri Guimarães: "Aline França consegue manter-se naquele território intermediário entre a realidade e o universo mágico, uma linha frágil, uma fronteira mínima, na qual o espírito oscila entre o sonho, a fantasia e os secretos poderes de um mundo de magia que desconhecemos".

Começava a despontar a escritora Aline França no cenário da literatura brasileira contemporânea pela sua sensibilidade peculiar e altamente imaginativa. Era uma mensagem nova, verdadeiramente africana, que emergia em maior beleza e significação simbólica com *A mulher de Aleduma*, uma leitura poética do mundo mítico e uma reflexão pessoal sobre o significado dos símbolos dominantes. (CASTRO, 2019, n.p)

Yeda Pessoa de Castro ressalta também os elogios tecidos pela crítica literária acerca da obra de Aline França. De acordo com Yeda Pessoa de Castro, a crítica evidencia o modo peculiar e inovador que os escritos de Aline França (re)apresentam e (re)significam a imagem do negro, bem como, abrem novos rumos para as temáticas da literatura negra ou afro-brasileira. Eis o trecho que segue:

Desta vez o elogio da crítica foi mais além. "A obra de Aline promove a recuperação do negro" – era o reconhecimento de Jorge Cândido, pelo Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro, e sua afirmação: "Aline, por querer sair um pouco da explicação tradicional cientificista do negro, dá-lhe essa resposta, mediante a ótica do romance ficcional. Foi a maneira que encontrou para protestar contra a situação calamitosa em que o negro se encontra no Brasil e em outras diásporas". (CASTRO, 2019, n.p)

O texto de Edvaldo Brito, professor doutor, ex-vereador e prefeito de Salvador-Ba, entre os anos de 1978 e 1979, nomeado "Uma ode aos valores culturais da raça negra", foi publicado no blog oficial de Aline França em 1985. Edvaldo Brito elabora uma crítica acerca do cenário de luta da população negra e da importância da ascendência e resistência da escritora Aline França em preservar os valores culturais negros. No seu depoimento, o professor doutor afirma:

Por tantos anos sepultaram-se, entre nós, os valores culturais da raça negra, integrante da etnia brasileira, que se está tornando necessário um trabalho permanente para desencavá-los e cuidá-los na perspectiva de sua preservação. Tantos anos... que os próprios participantes desse contingente humano não os

podendo identificar entre os valores cultivados e cultuados na nossa sociedade, passaram a confundi-los, quando eventualmente aflorados, como manifestações sub-humanas ou, ainda que as supusessem humanas, consideravam-nas tão bárbaras que as assemelhavam aos mais remotos usos e costumes dos primatas. Tantos anos... que essa tarefa de preservação passou a ser uma exigência diuturna a ser desempenhada por todos os brasileiros, qualquer que seja a origem racial. É por isso que Aline França faz muito bem a sua parte dando à luz mais uma edição deste seu excelente trabalho: *A mulher de Aleduma*, dizendo em prosa uma verdadeira ode, uma bela epopeia em torno deles. Li com atenção [...] era uma ode a esses valores sem a mais mínima dose demagógica de panfletários, racismo, preconceito ou segregação que se destroem na própria violência em que são criados e, por isso, sem conseguirem construir as bases onde se preservarão esses valores. E essa sucessão me foi revelando imagens características dos mais evidenciados desses valores: A resignação do negro brasileiro diante da selvagem escravização a que foi submetido; a sua esperança na redenção decorrente de sua disposição de luta, que até hoje empreende, para reverter essa situação altamente adversa. Tudo, porém, caldeado pelo maior desses valores, a força de sua personalidade cada vez mais forte pela forja que a energia transmitia à têmpora. Energia que era a própria divindade encarnada no Velho Aleduma, começo e fim de tudo, exemplo maior de resignação: “não temeis, serão superiores aos sofrimentos que virão”. (BRITO, 2019, n.p)

No texto “Aline França, uma escritora pintora”, publicado no blog oficial de Aline França, a professora e bibliotecária Ieda Machado Ribeiro dos Santos, no período, também diretora de gabinete do centro histórico da Bahia (in memorian) discorre acerca dos traços que marcam a escrita de Aline França. A professora Ieda Machado Ribeiro dos Santos traduziu os ensaios de Femi Ojo-Ade, poeta, crítico e romancista nigeriano. As suas preocupações incidiram sobre o dilema político e sociocultural da negra e do negro, seja no continente africano ou nas suas diásporas. Sendo

leitora, receptora e admiradora da obra escrita de Aline França, leda Machado Ribeiro, no seu texto a reconhece também como uma escritora pintora, isto é, pintora de palavras e de imagens criadas no seu universo. Eis um relato constante no seu texto:

Certa vez fui cobrar de Aline França a continuação de *A mulher de Aleduma* – que ela nos havia prometido com o título de *Vencedores de Kija* – e a resposta, foi dada com a maior tranquilidade do mundo – "Eu agora estou pintando", não me surpreendeu nem um pouco. Na verdade, foi como se ouvisse algo que, inconscientemente, há muito esperava ouvir. Aline descobriu também o segredo das tintas e dos pincéis e foi pintando com as palavras. Às vezes quadros bucólicos de uma ilha imaginária – que sabe de uma África por todos nós sonhada, mística e mítica, ideal e idealizada, não profanada pelos colonizadores nem pelos traficantes de escravos. "Coinjá, ilha maravilhosa, com sua paisagem repousante, praias de alvas areias e lua de beleza pálida..." Às vezes carregando nas tintas para produzir retratos de mulheres com vários pares de seios, virgens que se comunicam telepaticamente com o planeta Igunum, da deusa Salópia e do Velho Aleduma. É um dos traços marcantes da obra de Aline, esta capacidade de inventar, de usar das palavras com golpes de um pincel, palavras, por ela criadas, que o seu universo, tão rico e tão fértil, não cabe no vocabulário disponível em gramáticas ou dicionários; Aleduma, Irisan, Macujá, Catilê, Coinjá... Palavras ritmadas com a musicalidade das línguas africanas que Aline não conhece, mas intui: Datigum, Mamba, AjudamTamdê, Agamiam Jumi, Kaitamba... (SANTOS, 2019, n.p)

Em diálogo com Aline França, quando questionada acerca das suas pinturas e da sua relação com as artes plásticas, a escritora, pintora, informou que realmente pinta os personagens dos livros que escreve. Portanto, frutos da sua gloriosa imaginação, os seus personagens ganham possibilidades múltiplas nas telas dos seus quadros.

Segundo leda Machado, outra marca no trabalho de Aline França é a africanidade. Africanidade esta, que inovou o cenário da literatura

negra brasileira, mas também a fez vencer os diversos obstáculos de ser negra em uma sociedade de supremacia branca, declaradamente racista e machista. Eis o trecho que segue:

Uma africanidade que é importante que se diga - não a enquadra em nenhuma das tendências mais conhecidas da literatura negra contemporânea, desde o movimento da negritude, lançado nos anos 30 por Senghor, Césaire e Damas, até as correntes mais recentes, como a negritude marxista de Jacques Roumain, (Haiti) ou feminista de Buchi Emecheta (Nigéria). Muito menos a anti-negritude dos nigerianos como Soyinka (o tigre não precisa proclamar a sua tigretude) ou Femi Ojo-Ade. Ela é, antes, o lirismo primevo dos gritos, dos cantadores de oriki, ou de ijala. A sua obra, que já foi comparada por Gasana Ndobá a do guineano Câmara Laye. É africano quando, ao invés de chorar o negro escravizado, discriminado, explorado, o apresenta, sobretudo, como um vencedor, "uma raça que, futuramente, viria a se tornar, na história desse continente, um componente de relevante importância. Não que desconheça os tormentos pelos quais o nosso povo passou. Convite que é, na verdade, o chamado de Aline para a luta e para a resistência. Uma luta que ela conhece tão bem, desde que chegou em Salvador, menina do interior, - nascida em Teodoro Sampaio - Bahia – carregando seus sonhos e sua imensa determinação. Aline já nasceu escritora. E não houve porta que conseguisse permanecer fechada para ela. [...] Que ninguém pense que ele conseguiu nada disso com facilidade, Aline encontrou dificuldade. Somente uma fortiafri como ela conseguiria vencer, com sua tranquila determinação, todos os obstáculos que se apresentaram e chegar onde chegou. (SANTOS, 2019, n.p)

No texto “Aline França e a heroicização da raça” postado no blog oficial da escritora, a professora e pesquisadora Moema Parente Augel tece as suas impressões acerca do cenário da literatura afro-brasileira, destacando a repercussão das publicações de Aline França. De acordo com Moema Parente Augel:

O final da década de setenta foi profundamente rico para a literatura afro-brasileira. Osvaldo de Camargo de São Paulo e Oliveira Silveira do Rio Grande do Sul reafirmaram seus talentos e, sobretudo na poesia, destacaram-se também nomes como Cuti (pseudônimo de Luiz Silva) e Paulo Colina em São Paulo, *Élé Semog* no Rio de Janeiro, autores que desde então vêm marcando com suas publicações o panorama literário brasileiro. Na mesma época em que Geni Guimarães em São Paulo publicava seus livros de poemas, outra mulher, na Bahia Aline França escreveu dois romances, um lançado em 1978, com o título *Negão Dony*, tratando da vida de um modesto funcionário do manicônio judiciário do Estado, profundo conhecedor dos segredos do candomblé. O segundo romance, *A mulher de Aleduma*, foi publicado em 1981, tendo tido mais tarde uma segunda edição conforme o jornal A Tarde, de 17.7. 1981. (AUGEL, 2019, n.p)

Moema Aparente Augel destaca o pertencimento local, situacional e territorial que há em Aline França. Destaca na sua experiência de leitura o reconhecimento da ancestralidade presente nos escritos de Aline França, enxergando a escritora como militante do movimento negro da Bahia:

Depois que os movimentos negros na Bahia conseguiram desligar-se das tranças de Gilberto Gil, a militante Aline França renunciou a postura de "jamaicana", deixou de sonhar com o retorno às raízes e voltou-se mais para o seu espaço de negra de sua terra, vestindo as roupas que sempre vestira, procurando conhecer melhor a realidade baiana, a realidade do espaço onde vivia, passando a ter outra visão a propósito dos compromissos sociais de seu povo. (AUGEL, 2019, n.p)

Com relação ao romance *A mulher de Aleduma* (1981), Moema Parente Augel demarca o enfoque completamente diverso da obra do que se encontra em geral dentro do vasto e variado espectro da literatura afro-brasileira. Afirma:

A mulher de Aleduma é um canto de confiança e de orgulho, uma exaltação à raça negra. Aline reinventou as origens da sua raça,

simbolizando uma luta em que a figura central - Aleduma - negro quase divino, faz gestar no país imaginário de Ignum, uma população negra e bela. [...] Os heróis de Aline França são possuidores de uma força incomum, um poder sobrenatural. E ela no romance procura mostrar como podendo ser transmitido a todos os negros que aceitarem a mensagem do planeta Ignum, o planeta de origem do velho Aleduma. Os exemplos de um poder multiplicam-se no livro e não deixam dúvidas sobre a sua eficácia. (AUGEL, 2019, n.p)

Na coletânea intitulada “Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica”, o professor Eduardo de Assis Duarte reúne, em quatro volumes, o resultado de pesquisa que realizou ao longo de mais de dez anos. Durante esse percurso, o professor lançou foco sobre cem escritores afrodescendentes, vindo de tempos e espaços distintos: “precursores”, em que recolhe exemplos de escritores de parte do século XVIII e se dedica a 31 autores nascidos até 1930; “consolidação” em que nos apresenta mais de 30 autores e autoras nascidos nas décadas de 1930 e 1940; “Contemporaneidade” em que reúne 39 autores e autoras nascidos na metade do século XX; “História, teoria, polêmica” em que seleciona depoimentos de escritores e intelectuais negros que refletem acerca da produção literária afro-brasileira.

Aline França faz parte dos 30 autores e autoras estudados no segundo volume intitulado “consolidação”. Segundo Eduardo de Assis Duarte, o título do volume marca a época quando se consolida a existência de uma vertente afro na literatura brasileira. No texto, a pesquisadora Moema Parente Augel é a responsável por apresentar e refletir acerca da obra de Aline França.

De acordo com Augel (2011), desde muito jovem Aline França participa de organizações fomentadoras da autoestima dos afro-brasileiros, militando em movimentos negros em favor de um maior respeito ao afrodescendente. Salienta ainda o engajamento pela conscientização ecológica suscitada pela escritora. Além disso, Augel

(2011) tece comentários da linguagem utilizada por Aline França, a descrevendo como singela e de extrema ousadia. Eis a seguir um trecho do seu estudo:

Na obra de Aline França, sua concepção do mundo e sua afirmação são metaforizadas, configuradas num novo território. Ali a autora reinscreve e reinventa símbolos e conteúdos apreendidos do imaginário social da coletividade afrodescendente, acionando estratégias representacionais de heroísmo e dignidade para construir novos sentidos com os quais possa se identificar e remapear experiências partilhadas. (AUGEL, 2011, p. 334)

Dentre as produções acadêmicas que se debruçam acerca da obra de Aline França, destacamos o texto “Vozes literárias de escritoras negras baianas”, resultado da pesquisa de doutorado da Professora Doutora Ana Rita Santiago. A pesquisadora Ana Rita Santiago investiga histórias, nomes e textos literários de oito escritoras negras da Bahia, à medida que busca entender marcas identitárias que advêm de culturas africanas ressignificadas aqui no Brasil, presentes nesses escritos. Ao discorrer sobre a obra de Aline França, a pesquisadora Santiago destaca:

Aline França se aproxima de Lita Passos e Fátima Trinchão pela identidade geracional, mas, com essa última, a relação se estreita mais, no que se refere à temática abordada em suas narrativas: universos míticos afro-brasileiros. Na produção literária de ambas, nota-se que esses contínuos civilizatórios aparecem para que sejam reinventadas epopeias e recontados os pequenos feitos de povos africanos e diaspóricos. Ao se pensar no percurso da literatura afrofeminina no Brasil, indiscutivelmente, as novelas dessa autora, datadas entre as décadas de 80 e 90, do século XX, despontam, ainda que sem tal prospecção, como protagonistas de um projeto estético-literário em que autoras negras traçam linhas e versos poéticos e narrativos diferenciadores, com personagens, vozes e histórias. (SANTIAGO, 2012, p. 90-91)

A partir dos relatos evidenciamos o acesso livre que Aline França permite aos seus leitores e admiradores dos seus escritos. É inegável que a sua obra nos permite imaginar e vislumbrar futuros negros grandiosos. A escritora inova e renova temáticas, voltando-se para o seu espaço de negra da sua terra, dialoga com a experiência africana em solo brasileiro e baiano, lutando contra os dilemas que as categorias raça, classe e gênero lhe impunha. Ademais, Aline França expressa valores socioculturais distintos dos abraçados pelas elites brancas, e a partir da linguagem literária apresenta traços discursivos que a situa no campo da literatura negra brasileira.

Enquanto intelectual negra, sua literatura reivindica futuros negros a partir da reelaboração de uma história deturpada quando contada, seja sobre o continente africano e suas inúmeras diásporas, seja sobre a mulher negra e o homem negro. Insiste em não seguir padrões ou regras, mas rebela-se dando voz a personagens que incorporam relevantes personalidades da luta negra.

Assim como a intelectual bell hooks, Aline França se projeta na revolução contra o racismo, e encoraja, principalmente, a vivência de mulheres em lugares de poder. A partir de uma insurgência negra, a escritora segue em direção oposta à de muitos escritores que, por sua vez, retratam sobre o sofrimento da escravidão, esquecendo-se dos feitos gloriosos e das conquistas por meio das lutas negras. Aline França utiliza seus escritos para exaltar a mente negra, sua beleza, seu legado, corpo e cabelo, por muitas vezes negado/violentado.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. *Aline França*. In: *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, Eduardo de Assis Duarte, Belo Horizonte, UFMG, 2011.

AUGEL, Moema Parente. *Aline França e a heroização da raça*. Disponível em: <mulherdealeduma.blogspot.com>. Acesso em: abr. 2019.

BRITO, Edvaldo. *Uma ode aos valores culturais da raça negra*. Disponível em: <mulherdealeduma.blogspot.com>. Acesso em: abr. 2019.

CASTRO, Yeda Pessoa. *Aline França*. Disponível em: <mulherdealeduma.blogspot.com>. Acesso em: abr. 2019.

COELHO, Nelly Novaes. *Aline França e o teatro*. Disponível em: <mulherdealeduma.blogspot.com>. Acesso em: abr. 2019.

FRANÇA, Aline. *Negão Dony*. Salvador: Prefeitura de Salvador, 1978.

FRANÇA, Aline. *A mulher de Aleduma*. Salvador: Clarindo Silva e Cia. Ltda., Tipografia São Judas Tadeu, 1981, 1 ed; Salvador: Ianamá, 1985, 2 ed. (ambas esgotadas).

FRANÇA, Aline. *Os Estandartes*. 2 ed. Salvador: Editora Littera, 1993; Salvador: Editora BDA-BAHIA LTDA., 1995.

FRANÇA, Aline. *Organismo Entrevista*. In: Revista Organismo [Entrevista concedida a Jorge Augusto e Jorge de Souza Araújo], n.p. 2015.

FRANÇA, Aline. *Forerunners: Aline França*. In: Revista Ophelia Magazine [entrevista concedida]. Lagos, v. 2, abr. 1982. Disponível em: <mulherdealeduma.blogspot.com>. Acesso em: abr. 2019.

FRANÇA, Aline. *Aline França- Blog oficial*. Disponível em: <<http://mulherdealeduma.blogspot.com>>. Acesso em: abri. 2019.

GUIMARÃES, Torrieri. *Um livro da Bahia e todo seu mistério*. In: Folha da Tarde. São Paulo, 05 jul. 1979.

HOOKS, Bell. *Intelectuais negras*. Estudos feministas, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, ago./dez. 1995.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas-Ba, editora UFRB, 2012.

SANTOS, Ieda Machado Ribeiro dos. *Aline França, uma escritora pintora*. Disponível em: <<http://mulherdealeduma.blogspot.com>>. Acesso em: abri. 2019.

